

François
Guichard

Protestantismos latinos: um esboço evolutivo

Protestantismos latinos: um esboço evolutivo

Por François Guichard

«Vivimos en el círculo de Pascal, donde la circunferencia está en todas partes, y el centro en ninguna. Pêro si todos somos excêntricos, entonces todos somos centrales».

Carlos Fuentes, *Geografía de la novela*¹

67

Foi no âmbito do Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA), foco binacional de intercâmbio e estímulo pluridisciplinar, que a partir de 1988 se esboçou uma curiosidade, pouco a pouco transformada em investigações, a propósito das minorias religiosas e de pensamento em países latinos. Este terreno era ainda em grande parte negligenciado pelas ciências sociais. O nosso pressuposto era o seguinte: olhá-lo com uma atenção liberta dos antigos constrangimentos do combate ideológico, podia transformar-se numa maneira profícua e talvez inovadora de visitar a construção progressiva das nossas sociedades actuais, por oferecer ângulos de visão pouco habituais. Até seria possível por este meio *lateral* pôr em evidência alguns fluxos, algumas dinâmicas globais da história contemporânea, de outra forma difíceis de realçar e interpretar correctamente por nelas mergulharmos demasiado; tal como é das margens que se vêem as correntes e turbulências de um rio, muito melhor do que do barco que as águas levam.

Foi em grande parte graças ao empenho e ao entusiasmo de João Francisco Marques que os primeiros passos desta aventura, ainda hesitantes, puderam transformar-se na exploração de um verdadeiro campo de pesquisa. Foi ele quem tomou a iniciativa de desenvolver uma opção "minorias religiosas" no Mestrado de História da FLUP. Não poupou esforços para assegurar sólidos alicerces e rigorosa coerência intelectual ao respectivo plano de trabalho, antes de confirmar qualidades invulgares de paciência e obstinação para conseguir a concretização de um projecto que, sem nunca ter grandes meios nem pretensões aparatosas, conseguiu criar no Porto um viveiro original de preocupações científicas, que já produziu frutos de qualidade² e cuja projecção ultrapassa por vezes largamente o mero âmbito local e

¹ Madrid, Alfaguara-Santillana, 1993, p. 226.

² Por exemplo as teses de mestrado de F. Peixoto, *Diogo Casseis. Uma vida em duas margens* (1995); de J. M. Mendes Moreira, *Origens do episcopado em Portugal. O despertar da Igreja Lusitana (1839-1899)* (1996); de Narciso P. F. Oliveira, *Alfredo Henrique da Silva, evangelizador de acção e cidadão do mundo* (1996); e de Zita F. Amado, *Retrato de uma minoria religiosa em Portugal. Os registos da Igreja Metodista do Mirante, Porto, 1878-1978* (1997). O mesmo grupo participou activamente no colóquio *Gaia de há cem anos*, cujas Actas foram editadas com o mesmo título em 1995 (António Manuel Silva, ed.). Vd. também as nossas contribuições na *Revista da Faculdade de Letras-História*, II Série, vol. XII, Porto, 1995, pp. 411-476, e na *Lusitânia Sacra*, Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2ª série, tomo VIII/1X, Lisboa, 1996/1997, pp. 599-609. Por outro lado e em grande parte com base nestas primeiras experiências, o CENPA organizou na FLUP uma mesa-redonda de reflexão metodológica, em 22 de Fevereiro de 1996, intitulada "Objectividade e história: o caso do estudo das minorias religiosas".

regional³. Oxalá que o impulso assim dado continue a ser acompanhado pela instituição à qual tão devotada inteligência dedicou o Prof. Doutor João Marques.

Pela nossa parte, uma das pistas reflexivas mais atraentes que tentámos não perder de vista, ao longo destes anos de convívio e curiosidade intelectual, foi a da evolução de conteúdo da própria noção de *minorias*, e conseqüentemente da alteração possível do significado das noções subjacentes de *hegemonia* e de *confrontações*. Tendo em conta a aceleração espectacular das transformações sociais, culturais, psicológicas e mentais que se verificam nas nossas sociedades actuais, será que noções como estas, apesar de profundamente enraizadas no passado, terão ainda alguma validade? Pelo menos, parece evidente que elas já não têm o mesmo peso, nem a mesma configuração, que ainda há bem pouco tempo tiveram, ou que fomos educados a pensar que tinham.

Estas noções de minorias, de hegemonia, de confrontações, merecem assim ser analisadas, tanto no seu conteúdo como na sua realidade evolutiva. São evidências históricas, mas que devem ser matizadas, para evitar uma generalização caricatural. E talvez elas não sejam hoje em dia tão pertinentes como antigamente foram, por não dar conta dos problemas actuais da relação complexa entre religião e sociedade, bem como entre indivíduo e espiritualidade.

Em particular no que diz respeito ao universo latino, e aos seus protestantismos, até há pouco tão mal conhecidos, inclusive por eles mesmos.

Estes protestantismos dos países latinos não passam de umas minorias, entre muitas outras. Mas trata-se de minorias talvez bem significativas, por se situarem, de uma certa maneira, no interface Norte/Sul, no contacto entre os mundos latino e setentrional. É um contacto complexo, pois ele é constituído por quatro vertentes simultâneas e complementares, como as de um telhado de quatro águas: o contacto/curiosidade, o contacto/intercâmbio, o contacto/competição e o contacto/conflito. Assim se pode dizer que a relação da latinidade com os protestantismos foi também (e ainda em parte é) bem reveladora do seu posicionamento em relação ao universo referencial concorrente mais potente da época contemporânea: o anglo-saxónico.

Mas haverá alguma semelhança entre os protestantismos dos países latinos, que justifique uma abordagem de conjunto e comparada? É exactamente isto que parece muito mais evidente quando o observador se afasta um pouco do seu objecto particular de estudo, para ver o que se passa no mesmo momento nas imediações. Com efeito, vistos com o recuo do tempo, estes protestantismos latinos, no decorrer dos dois últimos séculos, parecem ter partilhado uma mistura em boa parte parecida, ou paralela, de dinâmicas e de fragilidades. As

³ Assim, o CENPA e o grupo de pesquisa articulado em volta do seminário de investigação animado pelo Prof. Dr. João Marques foram co-organizadores, com a revista *Lusotopie*, do colóquio internacional "Protestantismos em lusofonias" que decorreu no Instituto Franco-Português, em Lisboa, de 12 a 14 de Dezembro de 1997, primeira manifestação científica do género alguma vez realizada em Portugal. As *Actas* deste encontro pluridisciplinar vão sendo publicadas nos volumes anuais 1998 e 1999 da dita revista (Karthala ed., Paris). Dentro dos projectos em curso com participação activa do mesmo grupo portuense consta outro encontro pluridisciplinar em Madrid, a decorrer no ano 2000. Dá conta também de vários trabalhos neste âmbito realizados, entre outros, a recente tese de Vítor Neto, *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*, Lisboa, INCM, 1998.

fronteiras nacionais não foram sempre tão impermeáveis como frequentemente se pensa. Muitas vezes é a mera falta de curiosidade (ou a desconfiança...) pelo vizinho que leva a pensar como único um processo nacional, apesar de não ser tão nacional como isso.

Este processo evolutivo, em parte comum, pode se resumir em quatro tempos sucessivos: o da confrontação, o da inserção, o da participação, enfim - talvez? - o da diluição.

A dinâmica da História

No decorrer da pesquisa, deparámos com duas evidências. Em primeiro lugar: para chegarmos a uma compreensão razoável do protestantismo português, da sua história e do seu presente, é preciso inseri-lo o mais completamente possível no seu duplo contexto: o de Portugal no seu conjunto, e o do protestantismo em geral. Em segundo lugar: abordar o estudo deste protestantismo pela sua vertente espacial (Donde veio? Que vias seguiu? Onde se instalou? Onde se encontra hoje em dia?) pode ser muito proveitoso, não só para um mero conhecimento da sua repartição espacial, como também da sua maneira de ser, das suas fraquezas e forças intrínsecas, da sua maneira de se inserir neste duplo contexto.

69

Confrontações, isolamentos e capilaridades

Ter em conta o contexto não serve só para uma interpretação correcta do passado. Também permite compreender a actualidade, tão pesada é por vezes a influência do passado sobre o presente. O seu peso acentua-se talvez ainda mais na medida em que este legado não é bem consciente, nem bem conhecido pelos próprios interessados.

Assim não é indiferente, nem desprovido de consequências ainda hoje, o facto de o protestantismo ter lançado raízes em Portugal numa época em que a população do país era fundamentalmente rural, e na sua larga maioria analfabeta. Nem que tenha sido na altura dos primórdios de uma revolução industrial tardia, incompleta e baseada muito mais no aproveitamento de uma mão-de-obra barata do que na mecanização. Também não é indiferente que este enraizamento se tivesse feito depois do pombalismo e do século das Luzes, ao lado de uma Igreja católica perturbada ao mesmo tempo pela progressiva afirmação do liberalismo, e pelo endurecimento paralelo do ultramontanismo romano. Também não é desprovida de sentido a coincidência temporal deste enraizamento, com uma fase particularmente aguda das relações luso-britânicas, ao mesmo tempo de máxima intensidade comercial e financeira (vinhos, dívida, remessas do Brasil...) e de viva tensão na competição colonial (mapa cor-de-rosa, Ultimatum, relatório Cadbury a propósito das condições de trabalho nas roças de S. Tomé...). Nem o facto de tudo isto ter acontecido neste período pós-romântico em que as Igrejas institucionalizadas do protestantismo setentrional eram sacudidas por novas dinâmicas e destabilizadas por novos conflitos, estes e aquelas acompanhando o desenvolvimento do *Réveil* («Despertar») e do renovado impulso missionário.

Também não é indiferente que este protestantismo incipiente se tenha encontrado, nas vésperas da Grande Guerra, no centro da tempestade que associou as experiências republicana e laical, cuja fragilidade ele também partilhava. Nem que, mais tarde, o salazarismo, apesar de vigiá-lo de bem perto, não tenha achado necessário usar com ele da mesma brutalidade repressiva que o franquismo espanhol. Nem que a Revolução dos Cravos, antes de

desabrochar em Lisboa, tenha germinado em África, e em terras - tanto em Angola como em Moçambique - onde a presença protestante era muito mais importante do que na então metrópole. Nem, enfim, que a expansão de neopentecostanismos fortemente mediatizados tenha seguido de bastante perto, nos anos mais recentes, a moda das telenovelas brasileiras, o medo instintivo da perda de referências que acompanha o desmoronamento da *vulgate* nacionalista, a abolição das fronteiras, a procura renovada de afecto e emotividade como antídotos aos perigos da modernidade...

A história dos protestantismos latinos foi a de um punhado de mulheres e de homens, ao mesmo tempo corajosos e inconscientes, em todo o caso bem determinados. Eles construíram uma epopeia cuja memória ficou em grande parte oculta e que é necessário reconstituir para a devolver aos herdeiros daqueles pioneiros, que têm direito de se apropriar dela. E não só para eles como também para todos, porque esta história é reveladora de correntes profundas da história global, que são difíceis de pôr em evidência unicamente pelo estudo da história da maioria.

Mas não é só isso. A história também continua a ter influência no presente. Trespasam os actores, mas sobrevivem as características dos seus modos de actuar. Ora são exactamente essas características que podem explicar muitas das especificidades dos actuais protestantismos latinos, apesar de o contexto ser radicalmente diferente daquele que prevalecia na altura da sua formação. Dentro destas peculiaridades, são talvez de realçar com particular atenção o dinamismo, a audácia na acção concreta e a preocupação constante de coerência, através da coincidência procurada entre o acto e a palavra. Mas também a falta de rigor teológico; o peso excessivo das individualidades, em relação à fraqueza das instituições; os conflitos entre pessoas e entre caracteres, que se transformam em conflitos entre Igrejas; as insuficiências em matéria de formação; as incertezas do posicionamento eclesiológico... Tudo isto traduz maneiras de viver o dia a dia eclesial, que muitas vezes se justificavam perfeitamente pelo contexto em que surgiram, e que lhes sobrevivem apesar das condições terem radicalmente mudado, ao ponto de fragilizar a capacidade de adaptação destas comunidades à modernidade.

Qual o resultado disto tudo para a definição dos protestantismos latinos, e para o seu posicionamento na confrontação/comparação Norte/Sul? Talvez, em primeiro lugar, uma dupla marginalização, e ao mesmo tempo uma situação excepcional de ponto de encontro. Com efeito, a latinidade protestante não só foi marginal em relação ao catolicismo ultramaioritário dos mundos latinos, como também o foi, no seu início (e em parte ainda o é), em relação aos protestantismos mais setentrionais. Como se sabe, os protestantismos latinos resultaram sobretudo de importações oitocentistas, em proveniência do Norte. Mas qual foi a origem destes fluxos? O impulso quase nunca foi dado pelo pensamento então dominante no Norte. Veio antes de forças ali emergentes na altura, também ainda marginais e contestatárias em relação à ordem estabelecida. E várias das primeiras implantações protestantes resultaram também do encontro entre estas dinâmicas minoritárias, pouco ciosas do respeito pelos equilíbrios estabelecidos e pela prudência diplomática, com inquietações desta vez bem latinas, e genuinamente locais: umas tradições jansenistas e/ou galicanas, umas resistências velho-católicas, algum liberalismo radical, o republicanismo até, e por vezes a maçonaria...

Esta dupla dinâmica espacial, ao mesmo tempo vinda de fora e reforçada na chegada por impulsos locais, conseguiu ultrapassar os seus pequenos núcleos iniciais, ainda muito isolados uns dos outros e geralmente muito periféricos em relação à área latina no seu conjunto, graças a capilaridades intra-latinas, cuja multiplicidade é espantosa para quem toma nota das trajectórias individuais, e por vezes colectivas: só para o século XIX, por exemplo (e a lista está longe de ser exaustiva), Madrid-Bordéus, Lisboa-Madrid, Baiona-País Vasco, Bearn-Navarra, Gibraltar-Andaluzia, Baleares-Catalunha ou Levante, França-Itália, e mais tarde Torino-Barcelona, Suíça-França, Suíça-Espanha, e assim por diante. No século XX, sem que desapareçam estes primeiros fluxos, outros chegam a ter força crescente, vindos desta vez de além mar, de ambas as Américas, e também de África.

A latinidade protestante, outrora margem meridional do Norte e margem no seu próprio tecido de implantação, tende talvez a transformar-se numa encruzilhada entre Norte e Sul (no caso português, por exemplo, entre Brasil, Europa e África).

No entanto, ela conserva muitas das características que herdou do seu passado. Por exemplo, uma intensa fragmentação em núcleos isolados uns dos outros, que comunicam entre si quase tão mal, na nossa era do multimédia, como no tempo dos almocreves e das diligências.

Nas origens destas implantações houve assim, com efeito, confrontação Norte/Sul: entre as estruturas unicistas do Sul (por dentro) e as dinâmicas diversificadoras vindas do Norte (por fora). Hoje em dia, ainda há provavelmente uma confrontação Norte/Sul, mas talvez de uma forma diferente: menos institucional, mais psicológica e interiorizada. Ela já não opõe tanto corpos constituídos, tais como Igrejas ou Estados, mas sobretudo tendências, pulsões, afectos, que dividem os próprios indivíduos.

O que continua válido, agora como antes, é que esta confrontação não se pode compreender, tanto em matéria de religião como em qualquer outra, sem ser inserida num contexto político, económico, sociocultural muito mais vasto. Este contexto é duplo: por um lado, trata-se do conjunto das relações entre a área latina e o exterior, por outro, há o efeito das cesuras internas (nacionais, regionais e locais) aos próprios espaços latinos.

Trajectórias protestantes latinas

Na França e na Suíça, a prolongada e rica história do protestantismo obriga a um complexo trabalho de interpretação, entrecruzando os impulsos respectivos das iniciativas internas e externas. Na quase totalidade dos outros casos que se encontram no mundo latino: Península Ibérica, Itália, América latina, trata-se de maneira mais evidente de protestantismos de importação. Sendo assim, a compreensão da sua dinâmica evolutiva passa em grande medida pela atenção a ter para com a sua relação com o espaço. No caso português, por exemplo, é necessário prestar simultaneamente atenção a três relações específicas com o exterior:

- com o Norte, donde veio este protestantismo, pelo essencial na altura do «Despertar», e em relação ao qual ele continua muitas vezes a definir-se a si próprio, como se de filiação se tratasse, ou pelo menos de laços familiares,
- com o resto do mundo lusófono, com o qual nunca deixou de entrar em ressonância, desde a primeira tradução da Bíblia em português no século XVII, feita em

- Java, até à actual onda neopentecostal de origem brasileira, passando por relações episódicas, mas por vezes muito estreitas, com Angola e Moçambique,
- enfim com a latinidade mediterrânica, e nomeadamente a vizinha Espanha, com a qual capilaridades, paralelismos e até incompreensões tiveram muitas vezes mais intensidade e significância do que se costuma pensar.

E também preciso, ao mesmo tempo, olhar com atenção para uma quarta relação deste protestantismo ao espaço: desta vez ao espaço interno, nacional. Notando as diferenças entre cidades e campo; por vezes até entre bairros diferentes do mesmo aglomerado (assim a repartição dos núcleos protestantes nos espaços urbanos lisboeta ou portuense, em sentido lato, não se explica só pelo acaso); entre o interior, frequentemente tido como «terra de missão» onde cada deslocação era um pouco aventureira, e o litoral, percorrido muito mais regularmente; entre Norte e Sul do país; ou ainda entre Continente e Ilhas adjacentes, por exemplo. A história e a geografia do protestantismo português em grande parte explicam-se mutuamente, e de ambas os efeitos conjugados influem sobre o seu modo de funcionamento e sobre as suas características.

O mesmo se pode dizer dos outros protestantismos latinos, apesar:

- das especificidades de cada contexto nacional (Inquisição, distância em relação a Roma, galicanismo, relações com a Europa do Norte...),
- das diferenças de cronologia, conforme o momento da primeira eclosão: a Reforma (França meridional, Suíça francófona ou, em parte, Itália) ou o *Réveil* oitocentista (Península Ibérica, América Latina),
- do tipo de relações mantidas com o resto da área cultural e linguística, consoante a importância da história colonial (muito maior para a Península Ibérica do que para a Itália) ou as formas de emigração (maciça em ambas as penínsulas desta vez, muito menos para França e Suíça),
- enfim da própria posição geográfica do país: os fenómenos de capilaridade podem ser ampliados pela proximidade relativa do exterior (Suíça, Espanha periférica, Norte da Itália, portos sul-americanos), e dificultados pelo contrário pelo isolamento. No entanto, neste último caso as raras iniciativas podem ser mais sólidas, por terem pedido mais energia e testemunhar mais força de resistência (Madeira, Sicília).

Apesar destas variações, pode haver grandes semelhanças entre algumas destas dinâmicas protestantes latinas, talvez sobretudo para as que surgiram do «Despertar». Por exemplo, no que diz respeito à difusão espacial. Geralmente os missionários e colportores chegaram do Norte: por via terrestre, através dos Alpes ou dos Pirenéus, ou marítima, em proveniência das Ilhas Britânicas ou dos Estados Unidos, num primeiro tempo, no século passado. Mais recentemente, também, da Alemanha, da Holanda, da Escandinávia. E ainda, desde o início de Novecentos e de maneira cada vez mais acentuada, do longínquo além-mar, por exemplo do Brasil.

Eles entraram assim muitas vezes pelos portos de mar - grandes ou pequenos: Porto, Lisboa, Barcelona, Bilbao, Málaga, e ainda Gibraltar, ou Rio de Janeiro; mas também Caminha ou Aveiro, Funchal, as ilhas Baleares, ou Catânia. Outras vezes seguiram os caminhos

menos frequentados, as passagens rudes, empoeiradas e mais discretas da montanha alpestre, pirenaica ou da Raia central, como se de contrabando se tratasse (e de uma certa maneira era o caso, como no tempo de George Borrow e dos primeiros colportores das Sociedades Bíblicas). Os germes protestantes enraizaram-se nas mais receptivas destas orlas geográficas, ou seja, geralmente, nas grandes urbes portuárias, onde o enquadramento sociocultural normativo herdado do Antigo Regime tinha sido mais fragilizado pela revolução industrial e pelo êxodo rural. Pelo contrário, eles contornaram muitas vezes as regiões católicas mais praticantes, as províncias agrícolas densamente povoadas, encabeçadas por cidades de média dimensão, bem estruturadas e controladas pela Igreja instalada: assim penetraram dificilmente no Minho ou na Galiza, por exemplo, ou ainda no Nordeste brasileiro, na planície do Pó e na sua densa rede urbana. Em contrapartida, saltaram directamente para grandes metrópoles cosmopolitas do interior, que ofereciam mais espaços de tolerância: por exemplo de Málaga ou Barcelona para Madrid, ou do Rio para São Paulo. Ou então, conseguiram instalar-se, de maneira mais ou menos durável, em sítios ultraperiféricos: certas ilhas, minas, ou aldeias de montanha, em momentos bem determinados da história (por exemplo Pachino, na ponta sudeste da Sicília e no contacto conflictual entre os domínios respectivos do poder continental e da ordem vizinha de Malta; ou Funchal e a seguir Santo António da Serra, na Madeira nos anos 1830-40; ou ainda, cerca de 1974, Valdosende, na vertente meridional do Geres). Ou ainda noutros, onde beneficiaram da importância local de empresas britânicas: minas do Palhal, têxtil de Portalegre, algumas (aliás bem minoritárias) fábricas e adegas de Gaia...

Da marginalidade à normalidade

Assim, até ao final do século passado e ao início do actual, nas antigas terras da Inquisição, os protestantismos desenvolveram-se em situações de margens. Margens espaciais, mas também sociais: tratava-se de missionários estrangeiros, de colportores itinerantes, de operários desenraizados das suas aldeias de origem, ou de camponeses presos às vertentes mais isoladas e inhóspitas. Margens culturais também, evidentemente, por rejeitar a normalidade até então unanimemente aceite; e até margens eclesiais, já que muitos dos primeiros pastores nacionais foram ex-padres conversos, herdeiros ao mesmo tempo do liberalismo das Luzes e de um jansenismo mais ou menos latente, em todo o caso chocados pelo endurecimento ultramontano do *Syllabus*, da infalibilidade pontifical e do concílio de Vaticano I. Margens políticas ainda, naqueles tempos de monarquias fragilizadas e de concorrências coloniais: os protestantes portugueses, por exemplo, na altura do Ultimatum e do 31 de Janeiro, eram ao mesmo tempo suspeitos de serem republicanos, maçons e traidores da Pátria.

Em sentido oposto, muitas vezes as instâncias tutelares dos protestantismos setentrionais receavam mais os embaraços que estes imprudentes correligionários lhes podiam trazer, do que se entusiasmassem com as suas iniciativas. Particularmente prudente era a Grã-Bretanha, apesar da estreita ligação institucional também ali vigente entre Igreja e Estado, ou talvez exactamente por motivo dela: por cuidar antes de tudo da prudência diplomática, da continuidade dos negócios dos seus súbditos e do respeito dos grandes equilíbrios europeus estabelecidos no Congresso de Viena, Londres gastava mais energia em travar a propagação protestante em terras latinas, do que em incentivá-la.

Assim os pequenos protestantismos latinos não só foram marginais no próprio Sul, onde se tinham tão dificilmente instalado, como também em relação aos protestantismos institucionalizados do Norte, pois estes viam naqueles uma carga imposta por espíritos aventureiros, um pouco inconscientes, mais do que campo natural de uma missão que, desde a trágica experiência das guerras de religião da época moderna, estava tacitamente muito mais virada para o exterior longínquo do que para a competição interna à Europa cristã.

Esta marginalidade multiforme dos protestantismos latinos, e sobretudo dos peninsulares, prolongou-se na maior parte do século XX, durante a vigência de ditaduras ideologicamente reaccionárias, no sentido exacto da palavra. Dispersos e espalhados em pequeníssimas comunidades isoladas umas das outras, eles conseguiram apesar de tudo sobreviver e, na geração mais recente, começar a respirar, encontrando talvez no próprio isolamento a força suficiente para se enraizar, para se reproduzir, e para formar, ainda que de maneira imperfeita, as suas elites nacionais.

Será que o isolamento no meio de um ambiente tido por hostil, ou pelo menos adverso, favorece afinal a resistência? Se assim for, só agora é que as minorias religiosas enfrentam os piores desafios.

Com efeito, qual a situação a que se chegou agora?

Claro que sempre há casos excepcionais, situações de perifericidade ainda exemplares, tais como as de Riesi no coração da Sicília, ou de Valdosedo no Geres. No entanto, em regra geral, nestes anos 1990 a geografia dos protestantismos latinos tende a normalizar-se, ou seja, a reproduzir cada vez mais fielmente a das sociedades envolventes. É flagrante em Portugal onde esta geografia passou a ser cada vez mais urbana, mais metropolitana até (Lisboa/Porto), mais litoral (Algarve, eixo Setúbal/Braga), e cada vez mais representativo da classe social média. Em suma, cada vez mais semelhante ao retrato geográfico e sociocultural da média nacional: todos os nossos trabalhos recentes convergem para esta constatação⁴.

O mesmo vale para o Brasil, onde as suas localizações preferenciais de outrora (Rio Grande do Sul) se atenuam rapidamente, e onde a explosão dos pentecostalismos e neopentecostalismos se generaliza a todo o país e a todas as categorias sociais⁵. Para a Espanha, os mapas de Juan Estruch mostravam, já em 1968, uma idêntica tendência à metropolização e uma progressiva sobreposição dos mapas do protestantismo e da população em geral⁶; a leitura de boletins noticiosos posteriores aponta para o mesmo sentido. Da mesma maneira, para a Itália as notícias em proveniência do protestantismo urbano (Milano, Torino, Firenze, Roma...) ocupam pouco a pouco mais espaço em detrimento das periferias rurais (Torrepelice,

⁴ Vd. por exemplo o nosso artigo «Le protestantisme au Portugal», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXVIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1990, pp. 455-482; a tese de mestrado acima citada de Zita F. Amado, *Retrato de uma minoria religiosa...* (1997, inédita); ou o artigo de Helena Vilaça, «Alguns traços acerca da realidade numérica das minorias religiosas em Portugal», no volume 1999 da revista *Lusotopie*, pp. 277-289.

⁵ Cfr. outra vez os volumes 1998 e 1999 da *Lusotopie*, onde várias contribuições sublinham esta evolução, com particular destaque para o artigo-atlas de Philippe Waniez & Violette Brustlein, «Les protestantismes dans la cartographie religieuse au Brésil», pp. 449-478 do volume aferente a 1998.

⁶ Juan Estruch, *Los protestantes españoles*, Editorial Nova Terra, Barcelona, 1968.

Pachino, Riesi...), e talvez de maneira mais nítida ainda, o conteúdo destas notícias, informações, ou tipos de preocupações, denotam uma nítida urbanização, quando não metropolização, inclusive dos núcleos de implantação mais longínquos; talvez, aliás, em detrimento do interesse manifestado pelo que se passa no estrangeiro: consequência algo lógica da «naturalização»?⁷.

Os protestantismos latinos talvez já não sejam marginais. Nem no espaço, nem na sociedade. Antes pelo contrário, eles participam plenamente da normalidade. Com os progressos da democracia, da tolerância, da indiferença até, e em todo o caso da diversidade, eles já não estão bem na margem do quer que seja.

Sendo assim, a interrogação central agora pode ser: para onde passaram as hegemónias? E como é que «minorias» podem continuar a reivindicar (nem que seja para uso interno) um estatuto específico? Em relação a quê? Não será mero conforto mental, receio de enfrentar a vida normal de qualquer componente da sociedade diversificada em que todos agora se movem?

Consequências e efeitos do passado recente sobre o presente

É mais natural à geografia pôr o espaço no centro da sua reflexão, do que às ciências das religiões. No entanto, talvez não seja inútil partir desta relação ao espaço dos protestantismos latinos, para avaliar a actualidade (ou a desactualização) do conceito de «minorias», pois é no espaço que se inscrevem tanto as dinâmicas como as fragilidades de uma história viva.

Os protestantismos latinos, ilhas abertas sobre o mundo

Subestimar estes laços, que os protestantismos latinos teceram através do espaço, teria como consequência considerar cada caso (por exemplo, cada forma local, regional ou até nacional de protestantismo, desde a paróquia até à instituição-Igreja, desde a iniciativa individual até à relação institucional com o Estado) como um caso particular, específico (que de facto é), mas também como um caso «único» (que não é, como tentámos demonstrar relacionando entre si alguns exemplos geograficamente diversos). Com efeito, *caso único* quer dizer *caso isolado*; ou seja, sem outra explicação que o acaso individual. E quer dizer também, por conseguinte, que quando houver um problema, este não poderá ter solução externa, só sendo possível contar consigo próprio, com as suas próprias forças e fraquezas. Resultam daí situações em que o «único» é incapaz de partilhar, de se abrir, de evoluir.

Imaginar a sua própria situação como única, o seu próprio caso (o caso da sua comunidade local, eclesial...) como único é, pois, antes de tudo, uma maneira radical de se fechar sobre si, de se refugiar no isolamento de que os protestantismos latinos, ibéricos por exemplo, tanto sofreram.

Mas esta difícil história conferiu-lhes uma relação dupla para com o espaço. Por um lado, obrigou-os muitas vezes a organizarem-se em angustiadas situações de isolamento, ao

⁷ Vd. por exemplo a evolução do conteúdo noticioso do boletim bimestral *Notizie da Riesi*, sobretudo no decorrer dos dois últimos decénios.

mesmo tempo indispensável para a sobrevivência e causa imparável de asfixia. E por outro lado - assim se explica como é que alguns destes núcleos resistiram - souberam compensar uma tão forte impermeabilidade ao contexto envolvente mais imediato, local e/ou nacional, por uma excepcional abertura ao internacional, graças à intensidade das ligações directas que teceram com Igrejas-mães, Sociedades Missionárias ou Bíblicas, ou mais tarde com organismos internacionais tais como o Conselho Ecuménico das Igrejas.

Tal abertura foi também excepcional pelo peso relativo que tiveram na vida destes pequenos núcleos, e no decorrer destas relações internacionais, alguns dos seus mais destacados animadores, fortes personalidades que manifestaram invulgares capacidades de actuação, para além de uma espantosa resistência física aos cansaços da mobilidade contínua. Assim aconteceu por exemplo, no século passado, com Kalley, António de Matos, Stewart, Ruet, Matamoros ou Cabrera⁸, entre muitos; ou no início do actual, com Alfredo Henrique da Silva⁹, e mais tarde ainda com Michael Testa, Tullio Vinay ou até, embora de tipo bem diferente, Edir Macedo¹⁰. Personalidades invulgares também pelo vigor da sua capacidade de inovação e pela pujança da sua visão mundialista, como é por exemplo o caso dos dois últimos citados, apesar de serem totalmente diferentes e até opostos, tanto pelos objectivos como pelos métodos.

Esta abertura ao mundo chegou assim a ser em muitos aspectos bem superior - ao mesmo tempo mais intensa, e inserida de maneira muito mais natural na trama da vida quotidiana - nestes pequenos núcleos, do que na maior parte das comunidades protestantes mais setentrionais. Estas são muito mais numerosas, têm um peso proporcional muito mais conseqüente, participam plenamente na estruturação do tecido social envolvente, com seus campanários, obras de caridade, elites, eleitos, órgãos de imprensa, ou seja, com o seu poder de influência. De tal maneira que afinal têm o seu horizonte imediato bem cheio, não precisam

⁸ Robert Kalley era um médico missionário escocês, precursor da pregação protestante em vários cantos do mundo iusófone, em particular na Madeira (a partir de 1838) e no Brasil (desde 1856). António de Matos foi um dos seus mais activos discípulos madeirenses. Robert Stewart, também escocês, organizou a primeira Igreja presbiteriana de Lisboa, em 1866, antes de ser responsável da Sociedade Bíblica de Londres em Madrid. Francisco de Paula Ruet, natural de Barcelona, converteu-se ao protestantismo na Itália e foi dos primeiros a fazer pregações protestantes em língua castelhana na capital espanhola, a partir de 1868. O mesmo fazia em Sevilha, no mesmo ano, o ex-sacerdote romano Juan Bautista Cabrera, que mais tarde também se instalou em Madrid.

⁹ Cfr. a tese de mestrado acima citada de Narciso P. F. Oliveira, *Alfredo Henrique da Silva, evangelizador de acção e cidadão do mundo*.

¹⁰ Pastor norte-americano, Michael Testa viveu em Lisboa nos anos 1950 e 1960 e teve uma participação muito activa na consolidação das estruturas eclesiais do protestantismo português moderno, antes de assumir importantes responsabilidades no Conselho Ecuménico das Igrejas, em Genebra. Tullio Vinay, pastor italiano da *Chiesa Valdese*, foi dos mais destacados renovadores do protestantismo europeu a seguir à Segunda Guerra Mundial, em particular com a fundação sucessiva das comunidades de Agapé (Torrepelice, nos Alpes piemonteses), no imediato pós-guerra, e de Riesi, na Sicília, no início dos anos sessenta; foi um brilhante representante do cristianismo de libertação social. Emanação de uma corrente de pensamento eclesiológico radicalmente diferente, para não dizer oposto, o brasileiro Edir Macedo fundou e ainda dirige a Igreja Universal do Reino de Deus, a mais importante, dinâmica e internacionalizada «empresa» neopentecostal da actualidade.

tanto de referências externas como as suas pequenas irmãs do Sul latino. Nem até de olhar para outrem, a não ser para obras pias, como que compensatórias.

Será que ser minoritário e isolado favorece a abertura sobre o universo? Talvez. Mas de qualquer maneira, trata-se de situações históricas bem ultrapassadas. Hoje em dia já não há (se algum dia houve...) no contexto latino algo de *a priori* contrário à tal abertura, desapareceu a unidade referencial imposta e até as maiorias, se maiorias ainda houver, são cada vez mais diversas, flutuantes, relativas. Quase que minorias...

Sendo assim, também o facto de serem Igrejas ou comunidades minoritárias já não basta como referência justificativa. O que outrora foi realidade duramente vivida pode cada vez mais servir de mero refúgio justificativo do imobilismo.

Protestantismo e latinidade

Para melhor apreciar os problemas específicos dos protestantismos latinos, vale a pena agora alargar um pouco a perspectiva em termos de espiritualidade. Não se trata só do contraste maioria/minoria, ou da relação centro/margem, ou da referência ao que poderia ser uma «normalidade» protestante, vulgarmente tida por mais setentrional. Afinal, latinos também foram os Cátaros, e Francisco de Assis, bem como os Valdeses, e ainda os pregadores iluminados do «Deserto» nas Cevenas seiscentistas. Latinos o P. António Vieira, Bartolomé de Las Casas, e ainda a «teologia da libertação», Gutiérrez, as «comunidades de base» que surgiram nas suas esteiras, Dom Helder Câmara, os padres sandinistas, e até o P. Aristide em Haiti...

De facto, se latinidade houver em matéria de religião, ela transcende provavelmente as fronteiras eclesiais. Talvez ela tenha mais a ver com maneiras de ser e de pensar do que com Igrejas instituídas. Ela talvez induza uma atenção mais cuidadosa *ao fazer* do que *ao ser*, à prática do que à teoria, à acção concreta do que à rigor organizacional. Mais sensibilidade, ou emotividade, e menos cerebralidade? Talvez. Provavelmente menos inclinação para a reflexão teórica, a teologia fundamental, a dogmática e a eclesiologia normativa, do que nas terras mais setentrionais onde a Reforma nasceu e onde, desde Lutero até Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer, ela continuou a lavar o campo da exigência intelectual.

Talvez a tradição cultural latina tenha também uma familiaridade mais espontânea (mas seria preciso nesta matéria pareceres competentes, que não o nosso) com as histórias que contam os Evangelhos e os Actos dos Apóstolos, do que com os raciocínios muitas vezes abstractos que desenvolvem as Epístolas de S. Paulo. Talvez haja na «latinidade» uma compreensão menos imediata da Grécia do que da Palestina, da explicação do que da afectividade, do rigor lógico do que da ligação consubstancial entre o verbo e o acto, da conceptualização do que da comunicabilidade.

Ao mesmo tempo, o papel dos indivíduos foi até agora mais importante nos protestantismos latinos do que nos seus homólogos setentrionais numericamente mais importantes, em detrimento da solidez das Igrejas-instituições enquanto elementos estruturantes, pois estas foram demasiado dependentes daqueles. Houve mais entusiasmo para a acção, e menos cuidado em assegurar a solidez dos alicerces. Uma feliz preocupação em associar mais estritamente *o fazer* com o *ser*, mas que chegou por vezes ao ponto de confundir um com o outro

(assim se podem encontrar um tanto inesperadamente as duas extremidades do espectro espiritual latino contemporâneo, as comunidades de base e o neopentecostalismo).

No entanto, o que melhor partilham os protestantismos latinos é a história. Uma história difícil, caracterizada por fases prolongadas de ostracismo, muitas vezes de franca hostilidade, quando não de verdadeira perseguição, por parte das forças dominantes das sociedades em que eles pretendiam integrar-se, e nas quais afinal hoje em dia estão integrados. A enxertia protestante em terras da latinidade foi árdua mas resultou. Depois do tempo da combatividade, da confrontação, veio o da aceitação, e mais tarde o da inserção. Hoje chegou o tempo da participação de pleno direito na sociedade envolvente. O próximo desafio às minorias talvez seja, tal como mais ao Norte, o da diluição...

78

Será por recear esta evolução que os protestantismos latinos continuam obstinadamente a definir-se como marginais, mesmo quando, de facto, já não o são, por não haver mais centro imposto, em sociedades doravante verdadeiramente abertas para todos os ventos da diversidade referencial?

De qualquer maneira, tal receio é também o fruto ainda vivo do passado. Resistir e sobreviver, como o fizeram minorias como estas¹¹, teve um preço, por vezes elevado. O de um desdobramento acentuado sobre si próprio, da aceitação (obrigatória ou tácita) de um estatuto de minoridade extrema e de marginalização a todos os pontos de vista: social, cultural, política, psicológica. Assim se isolaram atrás de muralhas, erguidas ao mesmo tempo por fora e por dentro, como se fosse por cumplicidade objectiva entre sitiadores e sitiados.

Disto tudo também persiste a memória. Ora a memória também contribui para alimentar uma verdadeira cultura da marginalidade, que sobrevive à transformação da realidade objectiva.

Os desafios da normalização

Os tempos mudaram de tal maneira nos últimos trinta anos que o processo de integração dos protestantismos em países latinos já é irreversível. É um facto consumado no que diz respeito às relações com os Estados, com a sociedade civil, e até com a Igreja Católica, com a qual a tolerância de ontem se transformou quase sempre em franca aceitação da diversidade e por vezes em verdadeiro diálogo ou, mais frequentemente ainda, em acção comum. O diálogo interconfessional é até por vezes mais fácil com ela (em Portugal pelo menos) do que entre protestantes, que sabem cada vez menos onde se encontram os limites das suas próprias diversidades.

Aqui está uma dimensão do desafio actual. Inserindo-se na sociedade, os protestantismos latinos não terão perdido boa parte da capacidade inovadora que souberam manifestar nos tempos da luta pela sobrevivência? Eles talvez corram o risco de ter perdido o património de criatividade que os tinha caracterizado numa época em que era preciso inovar para sobreviver.

Esvaneceram-se muitas certezas. Houve como que um deslize do Paraíso para o Purgatório. Dantes, não havia espaço para a dúvida: era o tempo das heróicas certezas, resistir bastava para existir. Agora o panorama é muito mais incerto, as regras normativas antigas

¹¹ E não só. Basta lembrar as dificuldades em que se debate a comunidade marrana de Belmonte, sobretudo desde que fixou a atenção mediática, no início dos anos noventa.

perderam muito da sua força de convicção, de uma maneira bem partilhada pelas antigas maioria e minorias. Os protestantismos latinos estão hoje em dia integrados de tão boa maneira, que participam plenamente na crise das sociedades em que se inseriram. O contexto global em que se situam é o mesmo que deve enfrentar a Igreja católica: o da desestruturação, da declericalização, e ao mesmo tempo da concorrência agravada de novas formas de espiritualidade (umas vindas do Sul, outras do Oeste, outras ainda, quiçá, do vazio interno).

Umas e outras também participam de um mal-estar mais geral, o das culturas construídas num mundo amuralhado, hoje em vias de desaparecer face à mundialização, ao desaparecimento das fronteiras, à abertura a todas as correntes do alto mar e do desconhecido.

Este vento, tal como é ressentido no Sul, parece ser oriundo do Norte. Mas não é certo que o Norte o reivindique como seu. - Será que neste terreno existem especificidades latinas ainda vivas, e capazes de servir de antídotos?